

# A MONARCHIA

Bi-Semanario

N.º 4—1916

4 de Fevereiro

DIRECTOR E EDITOR:

ASTRIGILDO CHAVES

PROPRIETARIO

COMPOSTO E IMPRESSO EM

A POLYCOMMERCIAL

R. d'Alcantara, 41-A a E—LISBOA

*Toda a correspondencia para  
os escriptorios provisórios*

**R. d'Alcantara, 41, 1.º E.**

TELEPHONE 5362

**Preço de assignatura:** Serie de 25 numeros **500** réis para o continente, ilhas e ultramar. Extrangeiro o mesmo preço ao cambio do dia. Acrescem as despesas de cobrança. **Avulso 20 réis.** **Anuncios:** Convencional, sendo permanente, não sendo **20** réis a linha, corpo 6, pagina dividida em 5 columnas.



O Principe-Martyr

# JORNALISMO

Ha dias, no jornal *O Dia*, n'um dos seus bellos artigos, debateu a questão do jornalismo com o prestigio aureo do seu nome e a belleza de forma que todos conhecem, o sr. Alfredo Pimenta.

O que se faz em Portugal, diz sua excellencia que não é jornalismo, porque fazer jornalismo é educar e em Portugal os jornaes, com raras excepções, não educam—prevertem.

E' realmente verdade.

Foi ahi por 1870, quando a Europa tapava os olhos horrorizada com as labaredas da revolução franceza, e que a Hespanha ensaiava a sua republica, depois do fracasso Amadeu, que em Portugal o nivel moral do jornalismo principiou a descer.

Estava então no poder Fontes Pereira de Mello, regenerador, e o partido progressista, vindo do pacto da Granja, sentia-se hostilizado com a larga permanencia de Fontes no poder e o seu consequente ostracismo.

E' pois ao finado partido progressista que se deve o inicio da forma de fazer jornalismo que depois os republicanos adoptaram e ampliaram.

O *Seculo* manteve uma linha superior enquanto n'elle tiveram ingerencia intellectual Magalhães Lima e outros homens que pela epocha da sua fundação constituíam o partido republicano, partido n'essa altura reduzido a uma pequena pleiade de homens theoreticos e educados.

Talvez mesmo que por esse facto o *Seculo* não viesse a ser o famoso colosso que é na Imprensa Portugueza, colosso, é bém de ver, material, se não fóra o propagandista José Fontana que tanta alma deu ao movimento operario entre nós, propaganda que o *Seculo* aproveitou e desenvolveu; mas que ella não era sua, que o *Seculo* não era a *alma mater* d'esse grande movimento, provou-o depois o que se passou após o suicidio de José Fontana. O *Seculo* aproveitou o movimento, ajudou-o, firmou-se, mas não firmou a organização operaria.

Mas não ha duvida que o jornalismo em Portugal não só não usa linguagem decente para o *jour le jour* jornalístico, mas raro se encontra no jornal popular, no jornal barato, uma discussão em termos correctos, ou artigos educativos. E ainda se n'alguns jornaes se nota, e nota, um certo pondonor e *algo* de educativo, é sem duvida nos jornaes de provincia.

Um revisteiro qualquer mette em qualquer das suas produções uma phrase trazida das alfurjas da Mouraria ou do Bairro Alto, dubia, de má construcção e má fim, pois logo o jornalismo a toma a sua conta e a faz correr mundo, conhecer, proferir, tornar—como direi? chic.

Mas este defeito constructivo encontra-se unicamente no jornal? Não! Ha trezen-

tos annos que nós sómos um povo decadente. Quanto menor fôr o attricto, tanto maior a velocidade, e o attricto é cada vez menor...

Hoje é uma caturrice a sã educação familiar de outros tempos; a cortezia delicada existente entre os membros da mesma familia, e o respeito carinhoso dos filhos para seus maiores.

Actualmente, mesmo na gente que recebeu instrucção, e deveria ter educação, se veem maneiras, se ouvem termos, remques e sensuras que fariam córar uma colareja de ha cincoenta annos...

Não! O jornalismo hoje não influencia o meio, ao contrario, é por elle influenciado. Tem é certo grande, grandissima culpa no descalabro educativo moral e social do povo, mas não é elle só o responsavel.

Desde que o jornalismo como o theatro deixou de ser pura escola educativa e teve, por falta de apoio material, de cahir no mercantilismo, de, em virtude da concorrência, procurar manter a empreza industrial, necessario foi adaptar-se ao meio, e o meio é este—má educação, nenhuma comprehensão dos deveres sociaes, pancada e intolerancia.

A regeneração d'um povo é faina demasiado forte para o jornalismo; pôde elle ser um factor importante d'essa regeneração, mas ha de congregar-se com outros elementos tambem indispensaveis. Disciplina, vinda de cima, justiça, instrucção e trabalho—convenientemente remunerado, para deixar ao espirito o preciso socego nas horas consagradas ao descanso, são factores indispensaveis.

Emquanto Portugal viver dentro do circulo vicioso em que ora se encontra, tendo uma vida artificial, mantida as mais das vezes pelo *fogo sagrado* da má educação e desrespeito do proximo, o jornalismo, áparte casos esporadicos, ha de continuar peorando e de vez cahir nas mãos de quem saberá tudo menos o respeito que deve aos outros e a si.

Armenio Monteiro.

## Socorro a monarchicos

Vae ser instituido em Lisboa um comité central para angariação e distribuição de socorros a monarchicos necessitados.

Deus queira que não vá esbarrar com a indifferença d'uns e as susceptibilidades de outros, inutilizando tão bella iniciativa.

Tal como se exerce hoje esse socorro, que não é esmola, *mas dever*, não satisfaz.

A unica coisa no genero, de prestimo, que conhecemos foi *O Vintem da Esmola*, que infelizmente o 14 de maio inutilizou.

Mas se alguma coisa se quizer fazer de util entreguem-n'o em mãos de gente habituada a trabalhar e a sofrer.

A bon entendeur...

# Organização Monarchica

## Um inquerito

Acabamos de receber a seguinte carta do nosso valioso correligionario e illustre medico sr. dr. Martins Grillo, que gostosamente publicamos. Honra-nos sobremaneira que s. ex.<sup>a</sup> escolhesse o nosso humilde jornal para a publicação da sua alevantada e nobre carta, onde transparece toda a inteireza do seu character e pulsa um coração ardente de patriota.

Nós pensamos, de ha muito, na necessidade de uma solida e vastissima organização partidaria, sem a qual escusámos de pensar na efficacia de uma Restauração. Mas organização a valer, em que o comité central ou Junta directiva, em contacto permanente com todo o paiz por meio das suas delegações ou juntas districtaes, concelhias e parochiaes, pudesse mobilisar para o fim commum todas as energias dos portuguezes, até agora adormecidas ou desperdiçadas.

Como é impossivel governar povos ou cuidar dos complexos negocios de Estado sem boa preparação ou ensaio, e ainda, como a monarchia que hemos de fundar deve divergir essencialmente, parece-nos, na sua estrutura, da que estava e se deixou morrer, e urge portanto que se definam as linhas basicas, o seu programma: a Junta directiva deveria ir tratando de distribuir pelos seus socios e por competencias profissionaes os seus inqueritos, afim que d'ahi resultassem trabalhos solidos e utilissimos das especialidades. Memorias sobre sciencia politica, sobre religião, sobre direito publico e internacional, finanças, guerra, marinha, colonisação; sobre administração, fomento, instrucção publica, desenvolvimento agricola e industrial, enfim, sobre tudo de interesse directo da resurreição nacional.

Todas estas memorias, claro que depois de estudadas e visadas pela respectiva comissão, seriam relatadas e discutidas em Congresso annual, ou unico. —«Em congresso! dirão attonitos os nossos correligionarios irresolutos e timidos—nem sequer os Centros Monarchicos tem já sédes, nem a republica consentiria semelhante Congresso!»—Tudo isso são bagatelas. Quem serve com afinco uma Causa e uma Patria não se preocupa com bagatelas. Havia que reunir o Congresso, reuniria, fosse de que forma fosse, fosse aonde fosse. Em Lisboa, no Porto, n'um subterraneo ou no cume d'uma serra, dentro do paiz ou no estrangeiro.

Na carta do sr. dr. Martins Grillo appela-se para a «comissão politica do Centro Monarchico de Lisboa», e é esse o unico ponto em que discordamos, pelo facto d'essa comissão, eleita por nós, e em quem delegamos poderes executivos, não existir já de facto, pois que, furtando-se ao cumprimento do seu mandato, desertando n'uma hora grave, implicitamente abdicou.

A proposito de uma carta do sr. Major Montes sobre solidariedade partidaria, o director d'*O Dia* apontou a direcção do Centro como a unica entidade competente para resolver o assumpto. D'ahi a dias convidava-a a apparecer e a retomar os trabalhos para que fóra investida. E até hoje ninguem tugiou nem mugiu. Ah! que o 14 de maio foi uma lição, como já o 5 de outubro outra foi!

Ha que eleger uma junta directiva, com-

posta de homens resolutos, inteligentes e de iniciativa larga. Como? Os nossos correligionarios o dirão. Ha que tratar d'uma solida e vasta organisação monarchica em que se filiem todos os portuguezes não republicanos. Como? Os nossos correligionarios que apresentem os seus alvitres. Ha que definir a forma politica que mais nos convem, de futuro, para regeneração patria, elaborar um plano de reformas e um programma governativo. Que os nossos correligionarios fallem, exprimam o seu pensamento e digam de sua justiça.

As columnas da *Monarchia* estão abertas desde já e ao dispor de todos os monarchicos portuguezes.

A carta do sr. dr. Martins Grillo, que muito a proposito veio para abrir este inquerito, é a seguinte:

Ex.<sup>mo</sup> Sr. Redactor:

Consinta que o mais obscuro soldado da causa monarchica venha saudal-o pela aparição do seu novo jornal *A Monarchia* que, espero, será um destemido defensor da causa sagrada da Patria—a causa monarchica.

Na terrivel crise que atravessa a nacionalidade portugueza, crise devida não só aos desvarios e incompetencia dos que desgraçadamente ha 5 annos nos governam, mas, e muito principalmente, á falta de character e á aviltante cobardia da grande maioria dos portuguezes, consola encontrar quem não tenha medo de dizer, franca e claramente, o seu modo de sentir, quem se não acobarde de exprobar os erros, cada vez maiores, dos que parecem apostados em destruir a independencia da Patria.

Coragem, pois, sr. Redactor, que se a tarefa é ardua a causa é sagrada.

Ex.<sup>mo</sup> Sr. Redactor:—

A republica está na agonia, todos que não teimem em ser cegos o reconhecem, e de mais tem ella vivido para desgraça da Patria. Morre victima dos seus erros e da incompetencia dos seus homens. O seu corpo entrou já em decomposição e exala um cheiro nauseante. E' indispensavel enterrar-a quanto antes e proceder a uma rigorosa desinfecção, mas torna-se tambem indispensavel que a Monarchia ao restaurar-se, para cumprir a pesada e gloriosa tarefa que lhe está reservada, seja um organismo cheio de vida, com todos os seus órgãos e aparelhos funcionando regularmente e mantendo entre si o mais completo equilibrio. E' preciso pois que os monarchicos se organisem e disciplinem, e a meu ver a nossa organisação é puramente embryonaria, devido isto em grande parte á epidemia do medo que assola o nosso paiz. Parece-me absolutamente necessario que se estabeleça uma vasta organisação, abrangendo todas as camadas sociaes, porque julgo indispensavel o concurso de todos—tanto o que ha a fazer.

Ha dias a «Soberania do Povo» lembrava, e muito bem, que a commissão politica do Centro Monarchico de Lisboa, devia organizar commissões districtaes. E' já alguma coisa, mas é pouco. Entendo que se deve ir mais longe. A meu ver devem organizar-se commissões districtaes, concehlias e parochiaes, estas nos grandes centros. A cada uma a commissão de Lisboa, como corpo superior do partido monarchico, incumbiria os trabalhos que julgasse convenientes, além da organisação d'um

cadastro que n'um dado momento podia prestar grandes serviços.

Assim convenientemente organisados, legalmente e á luz do dia, além de patenlearnos a enorme força que somos haveria a vantagem de se ficar sabendo quem é monarchico e quem tem a coragem moral de o proclamar a troco de todos os sacrificios, porque só n'esses a causa deve confiar.

Ahi fica pois, Sr. Redactor, o meu alvitre que V. Ex.<sup>a</sup>, se de tal o julgar digno, melhor do que eu poderá desenvolver.

Com toda a consideração sou de V. Ex.<sup>a</sup>

M.<sup>to</sup> Att.<sup>o</sup> V.<sup>or</sup>

Martins Grillo

## A Impiedade chora sobre as ruinas do Templo

O illustre historiador de «Os Monges do Occidente» e de «Santa Izabel de Hungria», tão conhecedor da «Edade Media», escreveu um livro de opposição á «obra catholica na arte da destruição», que intitulou graficamente de «Vandalismo», referindo-se á primeira revolução e ás suas filhas legitimas anteriores á catástrophe de 1870.

Outro dos mais notaveis escriptores francezes contemporaneos, grande cinzelador da prosa, Mauricio Barrés, em um livro recente, completa a obra de Montalembert pondo a nú a barbaridade jacobina, mostrando as profanações e ruinas das igrejas da França e pedindo aos que não tenham renegado da fé e da belleza, piedade para elles.

Se os jacobinos francezes fossem lêr, sentados sobre algum capitel quebrado da Cathedral de Reims, os dois livros e se o sentimento estético não se tivesse extinto n'elles com as crenças religiosas, é provavel que sentissem cair sobre as suas ideias uma metralha mais forte do que a que vomitaram sobre as pedras da Cathedral os canhões allemães...

Os gritos contra a barbaridade germanica, que lança bombas sobre as cidades e os edificios, apagar-se-hiam porque uma voz misteriosa saindo das ruinas gothicas que presenciaram o desfile de tantos reis e gerações crentes e de tantas tyrantias sectarias, possivelmente ungidas com o oleo que chrisinou tantas realezas, lhes applicaria as palavras do redemptor.

Não choreis sobre mim, mas sim contra as vossas obras as quaes contra mim dirigiram os canhões allemães...

Companheira minha, e mais velha, era a gloriosa abbadia de Fonterrault, que foi centro de caridade, panteon de reis, prodigio da arte e da riqueza, e que teve ás dezenas abbadessas em que circulava sangue real e que usavam diadema, e no entanto sem que ninguém d'ella disparasse sobre vós projecteis diferentes de orações ferventes, a saqueastes e profanasteis, não respeitando salas ou claustros, nem as suas cinco admiraveis igrejas, convertendo tudo em casas para reclusos e cavallariças...

Tambem tinha magnificas ogivas e gahardas ástes de columnas, festões de granito e de marmore, o palacio dos Papas, em Avignon, que recordava o grande cisma, qualificada como a obra mais imponente da architectura civil da *Edade Media* e sem que ninguém fizesse fogo das suas maravilhosas janellas, quebraste-las, desfazendo as galerias e salões, transformando-as em carceres e em cavallariças...

Minha irmã era a Cathedral de S. Este-

vam, em Agen, e sem que o protomartyr arrojasse uma só das pedras que contra elle atiraram os jacobinos do seu tempo, caíram aos golpes das vossas picaretas os pilares góticos, e os que mesmo mutilados ficaram de pé, serviram para atar os machos vindos á feira, na qual se converteu o sagrado recinto...

Da minha familia ogival, tendo naves esplendidas e maravilhosos crystaes em côres, eram as igrejas dos Franciscanos e Dominicanos de Tolosa, que com sahirem ao encontro da revolução a pedir misericordia, nada mais conseguiram que cair na ignominia de serem convertidas em armazem de forragens, celleiro e cavallariça...

Percorrei a França e desde a abbadia de Saint Bertin de Omer á de Arthom, e até mesmo á de Cluny, ouvireis, esta mesma voz de que todas as igrejas da patria recolhem o echo, dizendo-vos:

Esquecesteis já o *inventario* dos templos e as vendas escandalosas feitas pelos *liquidadores*? Não chegou um d'esses *artistas* n'uma rubrica orçamental a vender uma esplendida igreja, reproduzida em photographias expostas aos fieis em muitos locais publicos, para que não se ignorase o escandalo, *por um franco!*? Não se teem convertido outras igrejas em cinematografos e em salas de can-can?...

Não tendes fundado contra cada templo uma—quando não seis—escola laica, para ensinar ás novas gerações que eram monumentos erigidos á superstição e barbaria e roubados á industria ou ao prazer?...

Jacobinos, não vos interneceis tanto com as minhas ruinas gothicas...

Os nossos antepassados, os inciclopedistas do seculo XVIII, chamaram ao «ogival» que o seu sensualismo era incapaz de comprehender, *arte barbara*, e um dos vossos mestres, Michelet, que queria dar á humanidade uma biblia que era a negação da minha, insultou todas as Cathedraes gothicas, dizendo que lhe pareciam «insectos monstruosos que levassem detraz o tórax». Seculos e canhões foram necessarios para destruir a minha!...

Jacobinos! não choreis sobre as minhas ruinas, que são, como eu, medievales! Choraes sobre as vossas obras, sobre o laicismo, que está gastando e dividindo as energias de uma grande nação, e empregando o poder como projectil contra a consciencia, que symbolisa a velha Cathedral!...

Heis carregado os canhões allemães que contra mim se dispararam!

Juan Vázquez de Mella.

## Consultas medicas gratuitas

O nosso illustre amigo Sr. Dr. Martins Grillo, distinctissimo medico n'esta cidade, querendo distinguir este jornal e ser ao mesmo tempo util aos seus correligionarios pobres, de que elle e nós admiramos a constancia de convicções, resolveu dar *consultas gratuitas* aos pobres que lhe apresentem o cartão de identidade passado por este jornal.

Para o obter necessario é trazer um attestado do proprio e corroborado por duas pessoas de respeitabilidade do partido monarchico.

## Contos da Carochinha

Para creança

Preço 100 réis cada volume. A' venda em

A POLYCOMMERCIAL

De um livro apprehendido

# Em que se evoca o regicídio

.....  
.....

Não vacilei, não voltei mais o rosto, embora na minha frente visse erguida a guilhotina — um enorme cadafalso negro, onde um Sansão disforme mostrava a rir a cabeça livida de Chenier.

Tu conheces os diversos factores politicos, sociaes, moraes que em meu espirito rebelde e viváz actuaram, trasmutando-o e orientando-o para novos pontos de vista, varrido das teias de aranha das utupias translucidas e das nephelibatices archibéllas do christo de Isnaia Poliania e mais apóstolos de chlamyde albente. Eu mostrei-te certo dia, com provas na mão, receoso do futuro e afflicto, em como o partido republicano se transviava do caminho do bem, encetando una politica hypnotica de arcabuz e de veneno, em vez de tentar a regeneração do paiz pelos meios producentes e spartanos da educação civica e da vulgarisação do A b c. Escolas para quê? Cavernas. Cacumbas vermelhas, diabolicas, sinistras, muito alem das baiúcas da Santa Vhemé e dos covis da Camorra, nos sub-solos da capital, onde se atrahia a escória, — a legião macabra dos scelerados e dos vagabundos — para as celebres missas negras que geraram as arruaças, as associações secretas e a mão de finados de Manuel Buisa? Depois — o escarro, aquelle escarro viperino que o partido rep. depoz na frente eburnea, cadavérica, d'um Monarcha. Eis a logica pifia, eis a casuística jacobina numa admiravel synthese: D. Carlos era valente e heroico — fazem-lhe espera a uma esquina, covardemente, e espingardeiam-no pelas costas; typo de cavalleiro antigo, altivo e leal, prompto a perdoar todas as faltas mas a castigar a mais leve offensa, jogam-lhe o guante depois de morto, — a fanfarronada torpe dos poltrões — sabido que o Martyr não se ergueria já, justiceiro e terrivel, do tumulto onde repousa o somno eterno!

Eu confiei-te a impressão de revolta e de magoa que aquelle vasar de bilis produziu na compleição do meu espirito de luctador e de portuguez; tu viste bem tingir-me o rosto a vergonha do oprobrio que cahiu e maculou todo um paiz!

Ainda vejo ante os meus olhos, hirta de magua, de luto toda, desgrenhada e a rastros entre os dois mortos ensanguentados, Essa quem os monstros roubaram o Esposo amado e o amado Filho! Eu avalio bem a dôr inegalavel de piedosa mulher ferida duplamente em pleno peito, chorando marés de lagrimas, a meio da camarilha marmórea, tal como ante as casquinadas dos centuriões a Mãe de Christo, na tarde tragica do calvario! Jamais se apagará da minha memoria aquelle dia de trevas: todos os passos que dei, todos os olhos preversos que vi, todas as frases vilissimas que escutei: e, quando souo a hora fatal da montaria, o rebáte subito que me abalou o coração, num preságio terrivel!

Entrava a carroagem régia para o Arsenal, crivada das balas, o Rei morto e o Principe malferido, quando cheguei ao logar maldito. Revejo o scenario sanguinolento: a Rainha livida, ajoelhada, entre os dois Martyres, — a um lado: os assassinos de as-

peito horrendo, no atrio da Camara, a outro; a meio da Praça, um Lacenaire vermelho a rir á gargalhada!

*Monsieur Veto avait promis  
Faire égorger tout Paris...*

A medo, lobos covardes famélicos de fêberas sãs, deslisavam de portal em portal as sombras cúmplices dos conjurados, sob as janelas pombalinas do edificio, como que a vereficar a eficacia da obra: escapára a Rainha, escapára o moço Infante: relampejaram pupilas, crisparam-se mãos sujas, sortiram prágas; e eu vi a semelhança flagrante entre aquella malta e aquella que, frente á prisão do Templo, rugiu os mais cruentos ódios contra essa sua irmã de Angustia e de Martyrio — a desditosa e santa esposa de Luiz — desasseis!

Que sarabanda de vingança! que mudez palrante intergórja dos bandoleiros! — *Il faut jeter du plomb fondu dans les mamelles de Marie Antoinette...*

A multidão de cá; — Escapou a jesuita! Vamos á hyena! Limpeza geral!... — A jesuita era a piedosa e christianissima Princeza de Orleans, que os portuguezes receberam numa deslumbrante apothese, como jamais se fez a noiva régia; a hyena era a magnanima e caridosa Rainha D. Amelia, que, em paga de tão carinhoso e lusónico recebimento, se entregou de coração ao nosso povo, cobrindo com as suas azas diafanas de Anjo da Caridade as viuvas desamparadas, os orphãos ao léo, todos os infortunios, todas as desgraças!

Ajoelhei constricto ante as urnas dos Reaes mortos e, em espirito, comecei rasgando a minha obra...

Eu era adversario da Realeza... Produto do meio em que consumira a adolescencia, pra'onde me arrojára um fado cruel, uma dôr imensa que me não é dado contar, a minha compleição sentimental e vibratil tornou-se, breve, pasto das doutrinas revolucionarios. Seis annos andei transviado pelas veredas escuras, ao cabo das quaes me parecia relampejar uma sarça ardente... Eu era adversario da Realeza: mas só o horror que desde então me inspiraram os mais adversarios, o contacto nauseante com assassinos e matulões anti-sociaes, depressa me chamou á realidade das cousas. Troquei a «Conquista do Pão» pelas «Origines» de Taine.

Então, precipitava-se a decomposição da sociedade lusibérica, com os paroxismos lethaes da Monarchia, exausta de sangue, esqualida e núa, abandonada descarovelmente como o corpo dos leprosos nas estradas da Judeia... O Jovem Rei, inexperiente ainda, era juguete nas mãos da camarilha que compromettia o Paço, as Reaes Pessoas, a Monarchia enfim! O Palacio das Necessidades tornou-se um fóco de conjuras, com espiões jacobinos atraz dos reposteiros... Ha lá dentro altos personagens que lambem os pés ao Monarcha e recebem o santo e a senha do Synagoga do Largo de S. Carlos!

Nos antros republicanos davam-se os ultimos retoques na conjura e compravam-se descaradamente os *leaes monarchicos* e os ultimos generaes... O delirio jacobino to-

mava um incremento assustador: multiplicavam-se os comícios, abandalhavam-se mais e mais os cidadãos, o clarim da rua de S. Roque tocava a unir fileiras.

Um homem austera apocalyptico e firme vem de ha muito annunciando a catastrophe. Quem escuta Homem Christo? Quem attende o rude e honrado pamphletario? Os judas occultaram mais os trinta dinheiros — os enuchos não teem coragem para empreza de homem.

Surgiu o apura-bufa da revolução com actores de encomenda, heroes a fingir e a valer: serviu de contra-regra o general Carvalho; director de orchestra o sr. Malachias, da charanga do Carmo; mise-en-scene do empresario Teixeira de Sousa!

Que mascarada ignobil! que macaqueação nevropathica das pedanterias de Reberspierre, das galeguices de Santerre e das patifarias de Saint-Just e de Legendre! Nada d'alma, nada de patriótico, nada de nobre: só torpezas, só ambições — latrocinios e vinganças, pulhices e bagatelas. Nem um só dedo de Desmoulins, sequer um unico cabello do cidadão Danton. Heroicidade, aonde? Mêdo. Abnegação? — Estomago! A historia joco-séria do coupé 44 é uma d'aquellas filaucias robespierreescas, urdidadas para embasbacar os *sans-culotes* lorpas, babados e hypnotisados pelo idolo... A ausencia completa dos chefes e a deserção unanime dos agaloados, capitão Pala á frente, deixando a falange abandonada, dentro d'uma cisterna, exposta a morte certa, onde seria esmagada se Couceiro sabe a tempo da opera-bufa, — eis as trez columnas de lama sobre que vae assentar o edificio da ingloria Rep. Port.! Honra e exemplo aos seus estadistas, exemplo e honra ao exercito republicano...

Isto quanto aos trunfos, aos gran-senhores, aos altas-vendas... porque quanto a ralé libertada em cidadãos e cidadãs, essa desceu na escala zoologica pra lá da irrationalidade do jaguar e da estupidez cega do suino. Que dança de S. Vito de punhal e bomba! Que hallucinação de vermelho, que bebedeira louca de sangue! Que carnagem orgiastica de huguenotes com violações estupraes de manicómio!

Os supplicios martyrisados aos sacerdotes, a verdadeira caça ao lobo, dentro da toca, aos guardas de policia, que assassinavam á vista das esposas e as pillagens nos conventos e casas religiosas, de caridade, onde soldados e povo bebados, em doidos e romanas saturnaes, tombavam sobre os corpos desnudados das irmãs professoras e maculavam a virgindade intacta, purissima, das educandas! eis o parto teterologico gerador da Anarchia e do Terror, que deu á luz — o fanatismo jacobino, a dissolução da familia, a idiocracia!

A bambochata de 5 de outubro foi, como te disse e expuz, a demonstração practica do que julgára sobre uma oligarchia de pedantes; os factos sequentes e logicos — o Governo Provisorio, a Assembleia Constituinte, a mesma demonstração practica de que a republica é antagonica com o Estado, que dissolve, porque em nome da liberdade procura integrar na sociedade, pelos processos vistos da violencia e do terror, a ficção dogmatica dum novo Estado, imperfeito, caduco, que morreu em Sparta com Solon, para sempre, e cujas tradições, vinculadas e epopeisadas na arte-bella e em bellas lendas, fizeram surdir o punhal de Bruto, as carbunculos dos Dogges, le *rasoir national de Mr. Guillotin*, os paradoxos do Contracto Social, o Christo do sr. Baeta e o Cartouche do cidadão França Borges... Scevolas, Dantons, heroica-

# A primeira Proclamação de D. Manuel II

Portuguezes! Um abominavel attentado veio opprimir com a maior amargura o meu coração de filho amantissimo e de irmão estremo, e enlutou a familia real e toda a nação, pondo o mais prematuro termo á preciosa vida de sua magestade el-rei o senhor D. Carlos I, meu augusto e muito amado pae, e a sua alteza real o senhor D. Luiz Filippe. meu muito querido irmão.

Sei que a nação compartilha a minha extrema dôr, e detesta indignada o crime horrendo, sem precedentes na historia portugueza, que assim, inesperada e tristemente, deu fim ao reinado de um soberano bom, illustrado, justo e querido, e mallogrou o de um principe tão esperançoso pelos seus eminentes predicados e virtudes.

N'esta desventurada conjectura sou chamado, pela constituição da monarchia, a presidir aos destinos do reino; na sua conformidade e no desempenho d'essa elevada missão empenharei todos os meus esforços a bem da patria e por merecer a afeição do povo portuguez.

Apressando-me portanto a cumprir um preceito constitucional:

Juro manter a religião catholica apostolica romana e a integridade do reino, observar e fazer observar a constituição politica da nação portugueza e mais leis do reino, e prover ao bem geral da nação, quanto em mim couber, e prometo ratificar em breve este meu juramento nas cortes geraes da nação portugueza.

Outro sim declaro que me apraz que os actuaes ministros e secretarios do estado continuem no exercicio das suas funcções.

Faço em 1 de Fev.º de 1908. — **D. Manuel II.** — João Ferrera Pinto Castello Branco — Antonio José Teixeira d'Abreu — Fernando Martins de Carvalho — Antonio Carlos Coelho de Vasconcellos Porto — Ayres de Ornellas de Vasconcellos — Luciano Affonso da Silva Monteiro e José Matheus Reyão.

des, lá fóra; em Portugal, Costas, Faustinos, fibusterias, escarros...

Depois d'isto, ó meu caro, não é natural que o meu nome surgisse no placard do Seculo, exposto ás váias da multidão em delirio?

Cumpri o meu dever, nada mais. Enceitei o unico caminho, de verdadeira honra, que encontrei aberto e me dá a tranquillidade stoica da Consciencia que me illumina o carcere e a esperança inquebrantavel d'um futuro proximo de libertação e gloria da Patria. Dil-o a toda a gente, — aos amigos que se te abeirarem pesarosos, demandando noticias, aos sacripantas covardes que ousarem arvorar-se censores e aos cães fraldeiros de venta phrygia, que de ha muito andam rosnando ameaças, mostrando as preias sinistras.

— Já não existe o moço auctor do «A Caminho da Revolta» — o nihilista vivaz dos pamphletos terriveis. Está preso o inimigo cruel da Abyssinia lusa: o patriota que chiceteou colerico os vendilhões da patria, o portuguez que se ergueu lesto a acudir á nacionalidade ameaçada de morte!

Esquadra das Monicas, 16 de Setembro de 1911.

(Das «Memorias do Carcere» de ASTRIGILDO CHAVES).

## Correspondentes

**Aos nossos correlligionarios da provincia pedimos se dignem escolher e indicar-nos correspondentes para este jornal.**

Rocha Martins

### D. MANUEL II

Memorias para a historia do seu reinado. Edição profusamente illustrada com as scenas principaes dos acontecimentos politicos.

D'esta obra historica, documentada e imparcial, é hoje, posto á venda o primeiro tomo.

Pedidos á Typographia José Bastos

R. d'Alegria, 100 — LISBOA

## O perigo hespanhol

(Continuado do numero anterior)

Porque, claro es, si el enemigo ostensible fueran la Gran Bretaña ó Alemania la Grande, ¿qué recurso quedaba á Portugal sino prepararse á bien morir? En cambio, si el choque ha de ser con España, entonces cabe avivar el sentimiento patrio, y exhumar recuerdos de Aljubarrota y Montes Claros, proclamar el tacto de codos, anatematizar á quien debilita la República cuando se está frente al enemigo común, y justificar maniobras, compra de armamentos y gastos de fortificación, que contra nosotros se supone que tendrían alguna eficacia, mientras que si se dijera que se apercebían contra enemigo de más poderoso empuje, provocarían la carcajada de cuantos en la infancia aprendieron que no se cazan leones con cerbatanas. Los tutores del pueblo lusitano, hallado por ellos un día, abandonado, en la Tapada das Necessidades, nos utilizan, pues, como espantajo para hacer marchar á su pupilo por donde á sus manejos interesa.

Y ese artificio es el que hemos de contribuir todos á deshacer si España quier cumplir con lo que yo estimo su deber. Allá Portugal con sus hombres y discordias; no tenemos por qué inmiscuirnos en ellas, mientras no pongan en riesgo nada nuestro. Lo que no debemos tolerar es que, disfrazando intrigas partidistas, se ponga en duda nuestra hidalguía, y de su menoscabo se haga escabel para unos ú otros. Cierito es que por acá, de vez en cuando, surgen aspiraciones absorbentes; pero esos hervores románticos se evaporan en cuanto se ponen en contacto con la realidad. ¿Conquistar Portugal? Y ¿para qué? Nos sumariamos

Porque, é claro, se o inimigo ostensivo fossem a Grã-Bretanha ou a Allemanha, que outro recurso havia para Portugal alem de preparar-se para bem morrer? Em troca se o choque terá que ser com a Hespanha, ha que avivar o sentimento nacional, exhumar recordações de Aljubarrota e Montes Claros, proclamar o tacto de codos, anatematizar quem debilita a Republica quando se está em frente do inimigo comum, e justificar manobras, compras de armamento e despezas de fortificação, que contra nós se supõe que teriam algum valor, enquanto que se se dissesse que se aprestavam contra inimigo de mais poderoso exercito, provocariam a gargalhada de quantos na infancia aprenderam que não se caçam trutas a bragas enxutas.

Os tutores do povo lusitano, achado por elles um dia abandonado na Tapada das Necessidades, utilisam-nos, pois, como espantelho para fazer marchar o seu pupilo por onde aos seus interesses convem.

E' para desfazer este artificio que todos temos que contribuir, se a Hespanha quer cumprir com o que eu julgo o seu dever. Alem vive Portugal com os seus homens e discordias; não temos que imiscuir-nos n'ellas, enquanto não ponham em risco nada nosso. O que não devemos consentir é que, disfrazando intrigas partidistas, se ponha em duvida a nossa fidalguia, e do seu menoscabo se faça degrau para uns e outros.

E' certo que por cá, de vez em quando, surgem aspirações absorbentes; porem esses fervores románticos evaporam-se logo que em contacto com a realidade.

su deuda abrumadora, su pobreza económica, su política tumultuosa, las heces que ella removió; no vendrían a España ni la riqueza de sus colonias, que otros recogerían, ni el amor de sus naturales, educados generación tras generación en el recelo antiespañol. Forzaríamos, pero no disfrutaríamos. La posesión nos costaría mil veces más que el atropello. Y no está nuestra madurez ni nuestra bolsa para aventuras tales.

Nó. España es, no puede hoy ser otra cosa que la amiga, la hermana mayor de Portugal. Si algo ha de preocuparle, no ha de ser arrebatarse a su hermana el patrimonio; si el temor de que ésta, mal aconsejada, lo abandone ó entregue á quienes no sean de la familia. Somos condóminos de un mismo suelo; una misma suerte puede ser la nuestra si alguien intenta poner el pie en una ú otra parcela. ¿No habría medio de que, desechando preocupaciones y desvíos, nos consertásemos para una obra común? ¿No significaríamos más, en la hora solemne de la paz, si aportásemos juntos al nuevo mapa de Europa toda una Península, balcón sobre Africa, acera del Mediterráneo, estación en el Atlántico, paso para Suez y embarcadero para Panamá? Conmigo así lo creen muchos españoles que tienen fé en un renacimiento de las energías ibéricas. Y es más: sospecho que así piensan no pocos portugueses ilustrados amantes de su patria, á quienes no alarma, porque saben quienes mueven el armatoste, la extemporánea exhibición de esa quimera fratricida, ese estafermo, ampulosamente bautizado de *perigo hespanhol*.

F. DE LLANOS Y TORRIGLIA

## Echos & Commentarios

### Haja decôro!

Em parte alguma do mundo se viu uma infamia d'estas:

*Palacio de S. Vicente*

PANTEON DA EXTINGTA FAMILIA REAL

N.º 12384

Entrada 10 centavos

(Leis de 20 de Abril e 23 de Agosto de 1911)

10 % para os pobres da Parochia de S. Vicente

*Este talão fica em poder do visitante*

Os corpos dos Reis pertencem á sua familia e á nação portugueza! O Pantheon Real não pode equiparar-se a um museu zoologico, como o da Escola Polytechnica, — que esse afinal dá ingresso gratuito ás quintas-feiras... Póde lá ser!

Aquillo é um sarcophago nacional, — um logar sagrado e muito nosso, onde o povo tem o direito de ir depor as suas lagrimas de piedade, orar a Deus pelo descanso eterno dos que lá repousam e pela prosperidade e gloria da sua patria. Póde lá ser!

Conquistar Portugal? E para quê?

Tomariamos a sua divida, a sua pobreza económica, a sua politica tumultuosa e as fezes que ella removeu; não viria para Hespanha nem a riqueza das suas colonias, que outros recolheriam, nem o amor dos naturaes, educados geração sobre geração no rancôr contra o hespanhol. Forçaríamos, porem, não desfructariamos. A posse nos custaria mil vezes mais que o atropello, e não está a nossa sagacidade nem a nossa bolsa para taes aventuras.

Não! A Hespanha não é, não póde hoje ser senão uma bôa amiga, a irmã mais velha de Portugal. Se alguma coisa a preocupa não será roubar a sua irmã o patrimonio; mas sim o temor de que esta, mal aconselhada, o abandone ou o entregue a quem não seja da familia. Sômos uriundos de um mesmo sólo; a mesma sorte póde ser a nossa se alguém intenta pôr pé n'uma ou n'outra parcella de terreno. Não haveria meio de que, desfazendo preocupações, nos concertássemos para uma obra commum? Não significaríamos mais na hora solemne da paz, se levassemos juntos ao novo mapa da Europa toda uma península, varando sobre a Africa, acera do Mediterraneo, estação no Atlantico, caminho para Suez e ponto de embarque para o Panamá? Conmigo assim o acreditam muitos hespanhoes que teem fé no renascimento das inergias ibéricas. Mais: suspeito que assim pensam não poucos portuguezes ilustrados amantes da sua patria, a quem não alarma, porque sabem quem movimenta a extemporanea exhibição d'essa chimera fratricida, esse estafermo, maldosamente crismado de *Perigo Hespanhol*.

póde lá continuar esse affrontoso negocio com os corpos dos Reis! Por honra nossa, por civismo, por humanidade! Já não fallo no respeito aos mortos que a religião catholica, abraçada pelos portuguezes, nos ensina e ordena.

10 % das entradas são para os pobres da freguezia de S. Vicente. E os noventa por cento para quem são, sacrilegos! são para a *defesa da republica?*

Haja decôro. Acabe-se com tamanha

### Os acontecimentos

Revestiram uma certa gravidade os acontecimentos desenrolados em Lisboa e n'outros pontos do paiz. Houve mortos e innumerous feridos.

Os jornaes governamentaes, ou jacobinos, dizem que a questão fundamental foi o encarecimento dos generos motivado pela guerra, e accusam certos elementos de se haverem aproveitado do caso para a desordem... como se não fosse o povo trabalhador, o povo faminto e miseravel que não póde continuar a viver e que o governo não tem alma de libertar das unhas aváras dos açambarcadores! vergonha para a nação portugueza!

O que tem feito a commissão parlamentar de subsistencias? Porque se consente a exportação dos generos de primeira necessidade para Heespanha e para os *allidos?* Porque se envia para Inglaterra o *nosso dinheiro e o nosso sangue*, como disse o *leader* democratico na fantochada aliadomaniaca de S. Carlos?!...



Outro dia era o sr. Affonso Costa a não querer pagar o quarto que utilisou no hospital de S. José, hoje é o sr. Antonio Macieira a não querer pagar o automovel em que viajou!

*Pois se isto é d'elles!*

E' de todos sabido que o Chico das Pegas «se pegou» com um chauffeur a quem não queria pagar, como qualquer thalassa pagaria, a quantia que o taximetro marca...

Dois mil e quinhentos, diz o chauffeur, á antiga!

—E' caro! Não dou mais que um escudo, diz o simpatico Chico, de quem nos prometteram certo pamphleto coimbrão dizendo «as ultimas» d'aquelle jacobino demostênico, de quem o proprio pae dizia ser o maior patife que o sol cobria...

E o chauffeur saca da tabella camararia, de contextura jacobina, e o Chico, anojado com a borracheira, bate-lhe despresivamente com a bengala, fazendo-a ir pelos ares...

O Chico é, toda a gente o sabe, um hercules; mas o chauffeur presumivelmente jacobino respeitoso, sentiu ofendida a sua dignidade de cidadão eleitor, que votára rijo e tezo nas eleições camararias, não poude ver tratar assim os productos cerebre-rubros dos seus édis! E sem reparar que o Chico era sempre n.º 1 para ministro dos estrangeiros nas situações difficeis de falta de homens, arremetteu para elle; mas—oh! vigilancia redemptora, que em todos os casos e em todos os pontos te fazes sentir! — logo appareceu alguém que puchando d'uma pistola disparou!...

O Chico, por prudencia havia já desaparecido na escada do predio e o chauffeur já estava a ferros...

A bala viu isso, achou ridicula a scena e resolveu ir acoiatar-se nas nadeças mimosas d'um neo-jornalista — photographo de um diario, amarello, da capital...

E—oh! bella consciencia do chumbo! — encontrando as circumvisinhanças virgens d'esses ou de outros ataques, cahiu nos fundilhos das calças, tal como a lagrima do Aresta cahiu no escarrator!...

\*

Passou-nos agora por debaixo da janella em carruagem á Dumont o sr. Presidente da Republica mail-o sôr Affonso Costa. Sempre cumprimentador e sorridente cá nos atirou, para a janella, uma chapela-da...

Pois é verdade, lá ia um esquadrão de cavallaria na frente, outro atraz tal qual como no tempo da monarchia... só com a differença da qualidade e valor dos escoltados!

Viva o sr. dr. João de Menezes, mail-o sôr Antonio Zé!... «A republica não precisa presidente, será sobria nas despezas...»

Vivam elles que souberam ricamente comer os pacovios!...

Mas para quem diabo foi o cumprimento?!...

O' sôr doutor cá para nós...

O' sôr doutor, cá para nós...

## COIMBRA EM FRALDA

por

Armenio Monteiro

PEDIDOS A A POLYCOMMERCIAL

R. d'Alcantara, 41—LISBOA

# El-Rei D. Carlos I — Príncipe Real D. Luiz Filipe

## A consagração dos martyres

Em Lisboa, no Porto e em muitas outras terras do paiz, nos Templos e em varias capellas particulares celebraram-se missas de suffragio por alma dos dois Reis Martyres. Foi um dia sentido de lagrimas e ao mesmo tempo de consagração. As egrejas estiveram repletas; n'algumas como na Encarnação, enormes massas de fieis tiveram que se conservar no exterior por não caberem lá dentro.

De anno para anno augmenta a assistencia a este piedoso acto. Este anno, então excedendo muito alem os anteriores, foi assombroso. E' que a saudade por Elles, cada vez é maior nas nossas almas; é que acto barbaro prepertrado, tão canibalescamente, á medida que sobre elle os annos decorrem com as suas efeinérides criminaes — politicos, mais radicam nos nossos espiritos quão preverso e inutil foi o miseravel assassinato: quanto mais os annos passam, mais se condensa em nós a força moral que, rehabilitando os Reis e proclamando a harmonia politica das Monarchias, ha de não longe, levar-nos para a Restauração.

Não não podemos de forma alguma dar a reportagem circunstanciada da numerosa assistencia. Só diremos que as tres classes, Clero, Nobreza e Povo, se fizeram representar exuberantemente, A fidalguia e a plebe, o exercito e o clero, a intelligencia e a humildade, alli ajoelharam, mãos juntas, lagrimas nos olhos compungidos e magoados. As forças vivas da Nação, chorando D. Carlos o Martyrisado e o Príncipe Real D. Luiz Filipe, beijam a mão de S. Magestade, seu muito amado Filho e Irmão, e fazem votos pelo seu proximo regresso do Exilio para gloria e prosperidade do Reino!

### MISSA NA ENCARNAÇÃO

Às 11 da manhã celebrou S. Ex.<sup>a</sup> R.<sup>ma</sup> o sr. Arcebispo de Mytilene, accedendo com a maior gentileza ao convite que lhe fôra feito pelo director d'O Dia, uma missa na igreja da Encarnação.

O aspecto do magestoso templo era imponentissimo. Milhares de pessoas alli se encontravam, formando uma immensa mole humana que se estendia até fôra do guarda-vento e ao começo das escadas.

Todos os altares estavam illuminados.

S. Ex.<sup>a</sup> R.<sup>ma</sup> era aguardado á porta pela Irmandade do Santissimo, pelo rev. Jorge, coadjutor da freguezia, por outros ecclesiasticos e pelos representantes da redacção d'O Dia.

Chegado á igreja o sr. Arcebispo de Mytilene encaminhou-se para o altar do Santissimo, onde fez uma curta oração.

Em seguida, depois de paramentado, segundo o ritual pelos rev.<sup>os</sup> conego José de Santa Rita, dr. Diogo da Piedade Costa e coadjutor Jorge, celebrou a missa, durante a qual foi acolytado pelos mesmos sacerdotes.

Finda essa cerimonia resou-se o *Libera-me*, estando S. Ex.<sup>a</sup> R.<sup>ma</sup> de mitra e baculo.

Uma orchestra composta pelos distinctos professores Carlos de Sá, Figueiras Pereira, Nepomuceno Ramos, Joaquim Boigas, Filipe da Silva e Xavier Roque, executou durante as ceremonias religiosas alguns trechos de musica.

A elevação entou-se o *Salutaris Hostia*.

Muitas dezenas de pessoas beijaram respeitosa e o anel de S. Ex.<sup>a</sup> R.<sup>ma</sup> o sr. Arcebispo de Mytilene que difficilmente caminhou através o templo, que estava litteralmente cheio.

A imponencia do aspecto d'este não pôde descrever-se, tão grande e significativa foi.

Dos que accorreram á igreja da Encarnação não é possivel dar, como bem se comprehende, uma nota completa.

A direcção, redacção, revisão e administração d'O Dia representaram-se pelos srs. J. A. Moreira d'Almeida, dr. João Moreira d'Almeida, Francisco Xavier d'Almeida, Luiz Trigueiros, Francelino Pimentel, Antonio Santos, Carlos de

Vasconcellos e Sá, José da Camara Manuel e Henrique Barruncho.

A redacção d'A Monarchia foi representada pelo nosso director, sr. Astrigildo Chaves.

### NO PANTHEON DE S. VICENTE

Celebraram-se hoje de manhã duas missas no Pantheon Real, como é costume todos os annos desde 1909, mandadas rezar, a primeira pelos srs. Conde e Condessa de Sabugosa, Conde e Condessa de Tarouca e D. Thomaz de Mello Breyner e D. Sophia Burnay de Mello Breyner; a segunda pelas sr.<sup>as</sup> D. Isabel Saldanha da Gama e D. Carlota Campos.

### NA ERMIDA DAS DORES, EM BELEM

Foi celebrada missa mandada rezar pela antiga officialidade do *yacht* *Amelia*.

### NA EGREJA DOS JERONYMOS

Foi muito concorrida a missa celebrada na Igreja dos Jeronymos, pelo rev. prior de Belem e nosso amigo rev. Gonçalo Nogueira.

O vasto transepto do magestoso templo regorçava, e foi impossivel tomar nota de todos os assistentes.

### NOS MARTYRES

Na parochial dos Martyres resou, ás 9 e meia da manhã, o rev. prior monsenhor Miguel Ferreira missa por intenção aos regios mortos, sendo tambem muito grande a assistencia.

### EM SANTOS

Às 10 h. da manhã o sr. prior de Santos, dr. Ribeiro Coelho, resou tambem uma missa pela mesma intenção.

### EM S. SEBASTIAO

O sr. prior de S. Sebastião da Pedreira, rev. Manuel Frederico de Almeida, rezou hoje missa ás 10 horas da manhã.

### EM AMOREIRA DE OBIDOS

O nosso amigo sr. Manuel Sequeira mandou rezar hoje, na capella da sua quinta do Fura-douro, em Amoreira de Obidos, uma missa, assistindo toda a sua familia e pessoas da localidade.

### NA CAPELLA DO SR. MARQUEZ DA PRAIA

Na capella do palacio do fallecido Marquez da Praia e Monforte mandou seu filho e nosso querido amigo o sr. barão de Linhô rezar hoje, ás 9 horas da manhã, uma missa suffragando a alma dos regios personagens.

A capella encheu-se por completo, predominando entre a concorrência o elemento popular.

### NO PORTO

PORTO, 1, 3 t. — *Dia* — Lisboa. — Por alma de El-Rei D. Carlos e de S. A. o Senhor D. Luiz Filipe resaram-se hoje, ás 10 e ás 10 e meia, duas missas na igreja dos Terceiros do Carmo.

A igreja estava completamente cheia, vendose muitas dezenas de pessoas na sacristia e no corredor lateral, por não terem logar dentro do templo.

Entre a assistencia via-se tudo quanto ha de mais distincto no Porto.

Nas ruas vêem-se hoje milhares de pessoas trajando rigoroso lucto. — (Corresp.)

### EM PINDELLA

O nosso querido e illustre amigo sr. visconde de Pindella mandou rezar hoje uma missa por alma de El-Rei D. Carlos I e de S. A. o Senhor D. Luiz Filipe na capella do seu solar de Pindella.

### EM BERTIANDOS

Os srs. condes de Bertlandos mandaram dizer missa por alma de El-Rei D. Carlos e de Sua Alteza o Príncipe D. Luiz Filipe na capella do seu solar de Bertlandos (Ponte do Lima).

### EM VILLA VIÇOSA

VILLA VIÇOSA, 1, 2, 16 t. — *Dia* — Lisboa. — Por carinhosa iniciativa dos srs. Verissimo Antonio Lapa e José de Sousa Menezes, realisou-se hoje no templo de S. Bartholomeu d'esta villa uma missa por alma dos saudosos Rei D. Carlos e Príncipe D. Luiz Filipe. O acto, a que concorreu grande numero de fieis e devotados amigos da Familia Real Portugueza, revestiu imponente sentimento. — C.



## Liga Naval Portugueza

Reuniu no dia 31 do proximo passado para eleição do Conselho Regional de Lisboa, a assembleia geral da Liga Naval.

Depois de lido o relatório e mapas de tesouraria que descrevem a situação financeira da Liga com precisão e claresa, foram postas á discussão as conclusões que foram approvadas.

Sob proposta do nosso correligionario sr. Armenio Monteiro, que em breves palavras inalteceu os grandes serviços prestados á Liga pelo Conselho cessante, foi o novo Conselho eleito por aclamação.

Entre os eleitos, conta-se o sr. Conselheiro Jaime Forjaz de Serpa Pimentel, que tem dedicado á Liga n'estes ultimos annos toda a sua actividade e carinho.

O novo conselho vae por certo continuar e augmentar o brilho da util e altruista instituição.

## Sarau

O concerto annunciado para sabbado 5, foi transferido para o dia 12, em virtude de causas inamovíveis.

## O Sr. Antonio Macieira

### Republicano expulso

Vamos começar a publicar, no proximo numero, feita por quem de perto presenciou os factos, a historia da expulsão do sr. Antonio Macieira em 1898 do partido republicano, sob proposta do seu hoje correligionario Alexandre Braga!

O que o sr. Alexandre Braga disse do sr. Macieira!... O que o sr. Macieira disse do sr. Braga!...

Diz o sr. Macieira do sr. Alexandre Braga:

«Executei um homem que tinha a alma curtida em lama e o corpo curtido em vinho».

Mas... esperem a historia *documentada* e vão aguçando a curiosidade...

### No proximo numero:

#### CAPITOLIO E ROCHA TARPEIA

**A obra da Restauração.** — Entrevistas por A. L.

**A psychologia dos Idulos — I.** — Memorias de Affonso Costa.

### As classes operarias no futuro da Monarchia

#### Organisação Monarchica

## Porquê?

Na Guarda, diz o *Noticias*, parece que por ordem do governo, o sr. governador civil foi á typographia Veritas onde apprehendeu 50.000 summarios da Bulla da Santa Cruzada e indultos.

Com que direito e porque razão se fez esta apprehensão?

Então os catholicos estão prohibidos pelo governo de ter a Bulla?

Protestamos vehementemente contra o facto, que revela como todos os outros anteriores a mais completa perseguição contra os catholicos.

Quando terão os catholicos a coragem de o ser — a valêr?!

Brevemente: **A LOUCURA JACOBINA**

POR ASTRIGILDO CHAVES

- I — **Um Bragança não foge!**  
II — **O Massacre do Tenente Soares.**

Ziragem limitada, edição de luxo, illustrada. Tomo **200 réis.**  
Pedidos acompanhados da respectiva importancia, dirigidos a esta administração.

# **A POLYCOMMERCIAL**

Rua d'Alcantara, 41-A a 41-E — LISBOA

Estas officinas estão aptas a executar os mais difficeis e os maiores trabalhos, pois possui machinas como nenhuma outra.

Machina de compôr.

Machina de dobrar folha impressa.

Machinas de coser a arame e a linha, lombadas de livros.

Machinas para trichromia.

Machinas para dourar a quente e a frio.

E muitas das outras machinas de uso vulgar n'esta industria.

Papelaria, Livraria, edições proprias e alheias

**Tipographia, Encadernação e Estereotypia**

**CARIMBOS DE BORRACHA**

*TELEPHONE 3362*

Tem pessoal que vae a casa dos clientes